

Apresentação

Neide Esterci (org.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ESTERCI, N., org. Apresentação. In: *Cooperativismo e coletivização no campo: questões sobre a prática da Igreja Popular no Brasil* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008, pp. 8-11. ISBN: 978-85-99662-62-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

APRESENTAÇÃO

Neide Esterci

Acompanhando criticamente a trajetória da *Igreja Popular*, muitos estudos têm sido dedicados à análise do desempenho político deste setor da Igreja Católica no Brasil dos anos recentes. A contribuição dos autores reunidos neste número dos *Cadernos do ISER* não se baseia em análises de documentos e declarações - opções que se tem mostrado, sem dúvida, muito produtiva - mas na reflexão sobre um conjunto de práticas, complementação percebida cada vez mais claramente, como indispensável neste campo de discussões.

Elaborados, a maioria dos textos, em situações de compromisso com agentes de pastoral e trabalhadores envolvidos nas experiências analisadas, o exercício de levantamento de questões e o esforço de compreensão puderam beneficiar-se da participação ativa dos atores privilegiados pela análise, por ocasião de seminários ou práticas de pesquisa e assessoria.

Apropriação e uso coletivos de terras, máquinas e animais, trabalho coletivo e formas de distribuição do produto do trabalho são a matéria-prima das análises desenvolvidas nos artigos aqui reunidos. Na medida em que iniciativas de fora se fazem no sentido de introduzir ou generalizar o uso destas práticas em comunidades camponesas, reações aparecem que colocam em questão a relação entre os agentes propulsores externos e os grupos de pequenos produtores envolvidos; discussões se acirram em torno de o que colocar em comum e o que reservar ao controle familiar, de como computar e retribuir o trabalho e garantir a produtividade. Todas estas questões têm sido focalizadas nas discussões sobre processos de coletivização em grande escala, já conhecidos e realizados sob a égide de governos revolucionários de esquerda. A particularidade das questões discutidas nestes *Cadernos* está em que elas se referem a experiências isoladas, implantadas à revelia ou mesmo como forma de resistência a políticas governamentais antipopulares que não favorecem os interesses camponeses, e realizadas por iniciativa de agentes religiosos ou membros leigos de equipes missionárias pertencentes à Igreja Católica.

Se a matéria-prima das análises é comum, os temas postos em debate variam de acordo com a ênfase e as preocupações de cada autor, cobrindo uma gama de questões que visam contribuir para a compreensão do que seja o *trabalho de base*, com especial referência à forma de atuação, aos objetivos, ao tipo de eficácia e aos impasses gerados pela interferência da Igreja Católica no campo, através de sua vertente *pastoral popular*, no Brasil.

O texto de Laís Mourão, "Prática missionária e resistência cultural", foi incluído nesta

coletânea porque, embora afastado, no tempo, do processo de discussões que gerou os demais artigos, ele se refere a uma das práticas que fazem parte do conjunto analisado pelos outros autores. Extraído de um artigo maior em que também são analisadas a introdução do *catequista* e da *Legião de Maria* numa comunidade camponesa da Baixada Maranhense, o trecho selecionado para estes *Cadernos do ISER* está dedicado à análise da *roça comunitária* vista como uma inovação impactante sobre a sociedade local.² Baseada em pesquisa realizada em 1972, a autora faz uma breve incursão histórica na trajetória da Igreja Católica na região, através da qual diferencia, radicalmente, a atuação missionária anterior daquela que se inaugura depois, "norteadas pelos princípios assumidos pela Igreja no Concílio Vaticano II". Seu foco de análise sendo o encontro entre dois sistemas distintos, o da cultura local e o do missionário, argumenta que, por ter no desenvolvimento econômico "um dos traços característicos da nova ideologia missionária", "ao introduzir o sistema de roça comunitária, a Igreja funciona como um elemento modernizador, veículo da lógica capitalista de mercado." (p. 21). Para demonstrar seu argumento, a autora se detém na análise das concepções camponesas de trabalho e *auto-suficiência*, formas de cooperação e *interdependência*, e procura mostrar as dificuldades de realização das concepções camponesas na prática da *roça comunitária*.

No meu artigo "Roças comunitárias: projetos de transformação e formas de luta", considero um conjunto de cinco experiências realizadas em situações diferenciadas vividas por camponeses em Mato Grosso, Goiás, Paraíba e Pará. Procuro demonstrar que a unicidade do modelo de *roça comunitária* que informa as iniciativas ou as interpretações dessas experiências, por parte dos agentes, não implica que, na prática, elas sejam idênticas, sendo a compreensão da diversidade existente entre os vários casos, justamente, o ponto de partida para o entendimento da eficácia, em cada caso, desse tipo de iniciativa. Rompendo com a noção inicial de incompatibilidade entre a ordem camponesa e as formas de coletivização do trabalho, da terra e da distribuição do produto do trabalho, procuro discutir em que circunstâncias e sob que condições elas se apresentam como viáveis e eficazes. Elaborei a análise dos diversos casos, principalmente com base nos depoimentos e discussões de agentes de pastoral e trabalhadores diretamente envolvidos nas experiências e reunidos no *Encontro sobre Coletivização* promovido pelo Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI).³

² Ver Laís Mourão Sá, *Colonização e resistência cultural* (Um estudo sobre a aliança ideológica Igreja-Estado e sua legitimidade numa sociedade rural). Rio de Janeiro, UFRJ, Museu Nacional, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, 1973 (Mimeo.).

³ Em julho de 1981, o Centro Ecumênico de Documentação e Informação realizou o *Encontro sobre Coletivização* com o objetivo de iniciar uma discussão entre agentes, trabalhadores e assessores sobre experiências de coletivização ao nível da produção. Deste Encontro resultou a publicação dos *Cadernos do CEDI-10, Roças comunitárias e outras experiências de coletivização no campo*, publicado pela Editora Tempo e Presença em abril de 1982, onde se podem ler

O artigo de Regina R. Novaes, "Mutirões, cooperativas e roças comunitárias", põe em relevo a existência de "conflitos e tensões que podem ter lugar entre diferentes grupos que, sob a égide da Igreja Progressista, procuram realizar a alternativa Igreja/Povo de Deus, através do *trabalho de base*" (p. 71). Relativiza os conceitos de *fracasso e sucesso* pelos quais se costumam avaliar as experiências, considerando que a posição dos agentes pode variar de acordo com suas concepções e perspectivas e que, também entre os trabalhadores, as avaliações se fazem de acordo com a situação econômica e a vivência anterior de cada um no que se refere ao acesso à terra e às condições de trabalho. No desenvolvimento de sua análise, a autora confere um peso fundamental aos processos sociais em jogo no momento de implantação das experiências, ponderando que "a atuação da Igreja não se faz em um espaço vazio de relações sociais, (e que) é necessário partir de tais relações para compreender a possibilidade de realização dos projetos" (p. 84). Finalmente, abre a discussão sobre a eficácia política da linguagem e dos símbolos religiosos na elaboração da organização e das lutas camponesas no bojo das quais acontecem as experiências analisadas. O artigo de Regina R. Novaes foi elaborado a partir de trabalho de campo e prática de assessoria nos anos de 1981 e 1982.

Em "Missão de conscientização - agentes e camponeses em experiências comunitárias", Lígia Dabul levanta questões sobre as relações estabelecidas pela Igreja Católica no âmbito dos trabalhos com propostas políticas que ela desenvolve junto às classes populares. Considerando que os objetivos político-pedagógicos dos agentes de pastoral correspondem a funções e ideologia da própria Igreja enquanto instituição, discute as implicações desta adequação para a percepção que os agentes têm da organização camponesa e do seu espaço real de organização e participação. Especialmente, discute a posição e atuação dos "agentes - camponeses" que aderem às propostas da pastoral e as defendem junto a seus pares. Argumenta que, pelo fato de a atuação da pastoral ser pensada como "missão", seus agentes tendem a desvalorizar *a priori* as práticas e concepções que não correspondem às suas próprias formulações e meios para atingi-las. A análise da autora se faz a partir de relatos de "agentes-padres" e "agentes - camponeses" acerca de quatro experiências discutidas no *Encontro sobre Coletivização* já mencionado.

"O trabalho engrupado na organização do Divino Pai Eterno", de Maria Antonieta da Costa Vieira, introduz, a meu ver, uma oportuna exceção no conjunto de experiências aqui analisadas. De fato, trata-se de um estudo sobre um grupo de camponeses - posseiros do sul do Pará, que se organizam para a defesa de suas terras pondo em prática ações coletivas ao nível da produção, com objetivos puramente táticos, dentro do processo em que se vêem envolvidos. Pelo fato mesmo de ser alheia a esta organização qualquer interferência estranha ao grupo, o desconhecimento acerca da

os relatos completos das experiências discutidas.

mesma, somado à veiculação de interpretações incorretas, a distância, acabou produzindo a noção de que ali se encontrava a evidência do surgimento de novas formas de apropriação e uso da terra, marcadas pela regra da coletivização. O texto de Maria Antonieta desfaz este equívoco e, de um certo modo, serve de contraponto ao que se passa nos outros casos aqui analisados e nos quais a interferência dos *agentes de base* está no cerne das questões. A autora desenvolve ainda a preocupação acerca da relação entre as concepções religiosas do grupo e a organização e encaminhamentos dados à luta. Sua análise foi elaborada com base em pesquisa de campo realizada sobre conflitos de terra no sul do Pará.

Com exceção do artigo de Laís Mourão Sá, escrito em 1973 e, portanto, pioneiro face aos demais, no estudo das experiências de coletivização realizadas por iniciativa da Igreja, todos os outros foram elaborados, direta ou indiretamente, a partir de um impulso dado neste sentido pelo *Encontro sobre Coletivização*, promovido pelo CEDI, ao qual me referi anteriormente. Por outro lado, a reunião destes textos nos *Cadernos do ISER*, vem a ser o produto final do projeto "A Igreja Católica e o Problema da Terra no Brasil,"⁴ assumido junto ao ISER por mim e por José Ricardo Ramalho.

Contribuindo, na medida do possível, para a compreensão das formas de atuação da *Igreja Popular* no sentido de não deixar que a prática traia a intenção explícita de concorrer para a "libertação" das classes trabalhadoras, a publicação dos artigos aqui reunidos quer se somar ao esforço que vem sendo realizado de retirar as práticas de Igreja do âmbito das formulações que se fazem ora apologéticas, ora acusatórias, para colocá-las adequadamente ao nível dos objetos passíveis de investigação criteriosa.

Rio, fevereiro de 1984.

⁴ Este projeto foi publicado nos *Cadernos do ISER* 8. Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora Ltda., abril de 1979, p. 38 a 41.